

O período pré-colonial na América portuguesa

A elevação da cruz em Porto Seguro, óleo sobre tela de Pedro José Pinto Perez, 1879. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ.

+ Conteúdos

Objetos do conhecimento

- Conquista da América e formas de organização política dos indígenas e dos europeus: conflitos, dominação e conciliação.
- Impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e formas de resistência.
- Diferentes interpretações das dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.
- Período pré-colonial.
- Primeiros contatos entre portugueses e nativos.

Habilidades

- Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.
- Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.
- Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações das dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.
- Compreender o sistema de feitorias e sua função.
- Refletir sobre os interesses dos povos indígenas que se aproximaram dos portugueses.



Leia o texto a seguir.

Conquista ou Descobrimento do Brasil?

O chamado Descobrimento do Brasil ocorreu oficialmente em 22 de abril de 1500, quando a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral chegou às terras do atual Sul da Bahia. Entretanto, inúmeros historiadores questionam se o termo correto a ser utilizado é “descobrimento”. A pergunta que permeia esse questionamento é como pode o Brasil ter sido descoberto se antes da chegada dos portugueses, e durante milhares de anos, já havia pessoas habitando as terras brasileiras?

A utilização do termo descobrimento está ligada ao etnocentrismo dos portugueses, e também dos europeus. Por entenderem o mundo tendo por centro sua própria etnia, seu próprio povo, os portugueses desconsideraram que os indígenas já conheciam o território. Eles foram os primeiros europeus a conhecerem a localidade. O descobrimento refere-se, então, aos povos da Europa, e não aos povos que já habitavam o continente americano.

Pensando por esse prisma, a chegada de Cabral ao território brasileiro representou mais o início de uma conquista que um descobrimento. Conquista da terra, mas também domínio, exploração [...]O que se desenhou a partir daí foi o conflito entre povos que partilhavam modos de viver e cultura distintos, no qual o europeu procurou cristianizar e escravizar os indígenas para colocar em andamento seu processo colonizador. [...]

PINTO, Tales dos Santos. Conquista ou Descobrimento do Brasil? *Mundo e Educação*, [s.d.]. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/descobrimento-brasil.htm>. Acesso em: 6 jul. 2024

O artigo chama a atenção para um importante aspecto da história da colonização portuguesa na América, que por muito tempo nos foi apresentado como o ponto de vista mais aceito, embora fosse marcado pelo etnocentrismo.

O **etnocentrismo** é caracterizado por práticas, opiniões e manifestações pautadas no ponto de vista de uma cultura específica, a qual se comporta como se pudesse sobrepor-se a outras expressões culturais. Ou seja, naturaliza esse tipo de comportamento e pretende torná-lo hegemônico.

Partindo dessa perspectiva, o texto acima problematiza o uso do termo “descobrimento” e propõe uma nova abordagem ao tratamento dado a esse episódio histórico. É sobre o etnocentrismo e seus desdobramentos na história do Brasil colonial – especialmente a respeito dos primeiros anos da presença portuguesa – que vamos tratar neste módulo



À esquerda, um chefe indígena com o rosto sereno, e, à direita, um chefe indígena retratado como o rei dos canibais. As imagens mostram diferentes narrativas sob o olhar dos conquistadores quanto às culturas nativas. Xilogravuras de André Thevet, para a obra *La Cosmographie Universelle*. Biblioteca Nacional, Paris, 1575.

Para relembrar

No 6º ano estudamos os povos indígenas que viviam no atual território brasileiro antes da chegada dos europeus. Aprendemos que eles podem ser divididos em grupos culturais designados de acordo com as características da língua que falavam, sem esquecer, no entanto, que cada um deles tinha diferentes culturas e organizações sociais.

Os primeiros contatos dos povos europeus com essas sociedades foram marcados pelo olhar curioso do **Velho Mundo** sobre aquelas culturas percebidas como distantes e diversas, se comparadas às da Europa.

Do ponto de vista europeu, aquele encontro era uma descoberta notável, ou até mesmo heroica, dos navegantes que chegaram primeiro àquele continente do outro lado do oceano Atlântico. Nos anos seguintes, com a chegada dos portugueses ao sul do atual estado da Bahia, teve início o processo de ocupação e exploração do território.

Assim, fica claro que o termo “descoberta” está carregado de um sentido etnocêntrico, que desconsidera o olhar dos povos americanos sobre o processo de conquista de seu território. Além disso, o uso desse termo cria uma percepção equivocada da origem dos povos não europeus, ignorando a rica história e as construções culturais existentes antes da chegada dos invasores. Por isso, vamos abordar essa história como um momento de encontro e choque entre culturas.

Agora, depois de relembrar conceitos importantes, podemos debruçar-nos sobre a História do Brasil para entender as seguintes questões: como teria sido o primeiro momento dos portugueses em contato com as culturas nativas? O resultado desses encontros teria provocado apagamentos culturais ou, quem sabe, transformações inevitáveis entre as civilizações envolvidas?

Velho Mundo: termo criado de um ponto de vista europeu, que aparece nos textos de época e que aqui mantém seu significado original. Velho Mundo se refere à Europa, e Novo Mundo, às Américas.

Para aprender

Antecedentes da chegada de Cabral

Como vimos no Módulo 10, em 1494, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas. Esse acordo dividia o mundo entre os dois reinos católicos segundo uma linha imaginária, traçada do polo Norte ao polo Sul, que cortava o oceano Atlântico a 1770 km (370 léguas, segundo a medida marítima mais utilizada na época) à Oeste das ilhas de Cabo Verde. Quaisquer terras encontradas, e por encontrar, que estivessem a Oeste daquela linha divisória pertenceriam à Espanha, e tudo que estivesse a Leste seria considerado parte das posses portuguesas.

Em alguns mapas europeus, o território que viria ser a América já aparecia desde a chegada de Cristóvão Colombo em 1492. As duas Coroas, portuguesa e espanhola, sabiam da importância de encontrar, ocupar e oficializar as terras conquistadas, inclusive as que nunca haviam sido vistas ou visitadas pelos seus súditos. As velas das caravelas logo foram levantadas, e a busca por essas terras se transformou em um grande objetivo daqueles jovens Estados modernos.

Assim, em 1500, a esquadra lusa capitaneada por Pedro Álvares Cabral desembarcou na região de Porto Seguro, ao sul da Bahia. Na época, a região não tinha o atual nome, e tampouco era um lugar seguro para os europeus, pois se tratava de um território com uma natureza ainda desconhecida e um litoral ainda não registrado em mapas.

Hoje, há historiadores que defendem que Cabral provavelmente não foi o primeiro navegante europeu a pisar no que se tornou possessão portuguesa nas Américas. Há documentos, como cartas e relatos de viagens, que são interpretados como indícios de que viajantes espanhóis e portugueses teriam passado por estas terras pouco tempo antes. Mas foi a expedição de Cabral a que primeiro produziu um relato detalhado sobre as novas terras ao rei de Portugal, tornando-as oficiais.

No texto de Pero Vaz de Caminha, escrivão de Pedro Álvares Cabral, é possível reconhecer os valores que ajudaram a impulsionar o processo expansionista. A seguir, leia um trecho do relato do escrivão sobre as aventuras da esquadra portuguesa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. [...]

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. p. 31-32.

Quando Pero Vaz se refere à ausência aparente de metais preciosos, ou quando relata o potencial produtivo das terras brasileiras, avisando que seu terreno parece propício para a implantação de culturas agrícolas, fica evidente o interesse mercantilista como uma das motivações para a viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

A religião também aparece como outro fator de estímulo, pois, quando o escrivão anuncia que não haveria fontes de lucros imediatos nestas terras, logo chama a atenção para o que existia de mais valioso: os povos nativos e suas almas, prontas para serem “salvas” pela fé. A aliança entre a Coroa portuguesa e a Igreja católica era bastante importante, visto que Portugal era grande disseminador da fé católica.

Assim, com base nesse trecho da carta enviada ao rei português, podemos reconhecer as ambições mercantilistas e o desejo de expansão do catolicismo como importantes elementos que impulsionaram o processo de conquista que seguiria pelos séculos posteriores.

Contudo, apesar dos motivos para o início de um processo de colonização, ainda demoraria alguns anos para que os portugueses comesçassem um povoamento efetivo e sistemático.

O início da conquista

Nos primeiros anos, a conquista ocorreu de maneira lenta. Uma das razões para isso consta na carta de Pero Vaz de Caminha, que relatou não haver “ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou de ferro” aparente. A busca pela exploração de metais foi uma das grandes motivações da Expansão Marítima, levando Cristóvão Colombo, anos antes, a alcançar o território americano.

No caso das terras que foram destinadas aos portugueses pela divisão do Tratado de Tordesilhas, como não havia riquezas aparentes, não houve interesse inicial em colonizar o território. Além disso, tanto Caminha quanto os lusitanos que desembarcaram à época perceberam que as populações nativas, mesmo consideradas passíveis de serem catequizadas, diferentemente de outros povos, não tinham produção agrícola nem **excedente de produção** que justificassem a criação de rotas sistemáticas de exploração dessas terras.

Primeira missa no Brasil, óleo sobre tela de Victor Meirelles, 1861.



A chegada da frota de Cabral a Porto Seguro, em gravura de Theodore de Bry, século XVI. O rei Manuel I comissionou Pedro Álvares Cabral para liderar uma esquadra de 13 caravelas e 1.500 homens.

Excedente de produção: tudo aquilo que é produzido em quantidade superior às necessidades de uma comunidade, grupo social, país ou povo.



Para Portugal, parecia pouco atraente investir na ocupação, na exploração e na defesa de terras – os processos que chamamos de conquista e de colonização – ainda incertas quanto à possibilidade de lucro. Além disso, a recém-desbravada rota para o Oriente já se mostrava extremamente lucrativa. Desse modo, desviar recursos para explorar o novo território poderia comprometer os lucros do comércio já estabelecido. É importante ressaltar, porém, que, após a chegada da esquadra de Cabral, os navegadores passaram a explorar uma rota marítima mais larga, afastando-se mais da costa africana.

Sem outros motivos para uma prática colonizadora da América, os portugueses acreditavam que o lucro viria do Oriente, e foi essa a aposta que fizeram no início do século XVI.

Os primeiros anos portugueses na Terra dos Papagaios

Apesar de os portugueses não priorizarem a colonização das terras americanas, a **Terra dos Papagaios** não foi abandonada por eles. Na realidade, Portugal optou por práticas exploratórias que não comprometessem muito seu tempo, seus homens e seus navios. E, justamente, por não exigir um compromisso com a elaboração de uma lavoura ou algum tipo de cultura, o extrativismo foi a primeira atividade econômica realizada durante os anos iniciais da colonização.

Ao chegar à Ilha de Santa Cruz, os portugueses encontraram o pau-brasil. Típica da Mata Atlântica, essa árvore era equivalente a outra espécie originária das Índias, utilizada pelos europeus para tingir tecidos. Do pau-brasil era possível extrair uma tintura vermelha, muito valiosa no mercado europeu, sobretudo, pois era a cor preferida da nobreza. Ressalte-se que era uma tarefa complexa e cara tingir tecidos de vermelho em pleno século XVI. Seu valor era muito significativo, a ponto de garantir lucros de até 300%, e sua extração seria a primeira grande atividade econômica no território português na América.

Outros produtos provocariam a curiosidade e também contribuiriam para a exploração mercantilista europeia. Os animais americanos, nunca antes vistos, também eram objeto de comércio. Araras, papagaios e tamanduás provocavam espanto quando desembarcavam no Velho Mundo, e, claro, garantiam grandes lucros aos navegadores. Animais mais ferozes, como a onça-pintada, que não podiam ser transportados, eram caçados e tinham a pele arrancada e vendida por grandes quantias.

Todavia, os portugueses mal conheciam essas terras, e não tinham condições de assumir a colonização com sucesso em tão pouco tempo. Caçar animais selvagens ou caminhar pela floresta à procura do pau-brasil exigia conhecimento sobre o território, o que eles ainda não tinham. Por isso, os indígenas se tornaram responsáveis pela maior parte da obtenção desses produtos. E eles não trabalhavam “gratuitamente”, havia uma relação de troca de interesses.



Encontro de marinheiros portugueses e nativos do Brasil, gravura de Theodore de Bry, 1592

Reprodução do mapa *Terra Brasilis*, de Pedro Reinel e Lopo Homem. Atlas Miller, 1519. Na representação verificam-se barcos portugueses e a extração de produtos tropicais realizada pelos indígenas.



Terra dos Papagaios: um dos inúmeros termos para se referir às terras que um dia viriam ser chamadas de Brasil. Outro nome muito utilizado pelos primeiros colonizadores foi “Ilha de Santa Cruz”.

O trabalho indígena

Os indígenas, ao menos nos primeiros anos após a chegada de Cabral, não foram imediatamente escravizados. Os portugueses negociaram de modo que os indígenas trabalhassem extraindo pau-brasil em troca de objetos manufaturados, como facões, machadinhas e até mesmo espelhos. Esse tipo de negociação é denominado **escambo**, uma prática que envolve a troca de mercadoria por outras mercadorias, sem o uso de moeda.

Os indígenas não compartilhavam com os europeus os mesmos conceitos de valor; por isso, elementos tão comuns em suas florestas não eram vistos como tesouros inestimáveis. Assim, aceitavam aqueles presentes como forma de pagamento. Em sua dinâmica cultural, podia fazer muito mais sentido ter um facão à mão – o qual eles não eram capazes de produzir – do que uma árvore de pau-brasil a mais na floresta. Mas, vale lembrar, os primeiros contatos não foram sempre amistosos.

Algumas sociedades indígenas tinham mais facilidade de conviver e negociar com os portugueses. Outras preferiram negociar com os franceses, como os Tamoios. Isso porque, apesar de o Tratado de Tordesilhas dividir o mundo entre Portugal e Espanha, outros países, como a França, não reconheciam os efeitos daquele contrato entre nações. Por isso, também era comum outras nações europeias explorarem as terras brasileiras.

Encontros e choques culturais

A nudez indígena foi o primeiro ponto de choque cultural. A ausência da fé católica entre povos nativos também impressionou. A dificuldade com a língua foi superada aos poucos, principalmente por causa dos portugueses que aqui ficaram, geralmente **degredados**, que acabavam aprendendo as línguas dos povos indígenas com os quais mantinham contato e se tornavam os primeiros tradutores. Mas vale lembrar que os nativos também foram responsáveis pelo sucesso dos contatos iniciais, aprendendo a língua portuguesa.

Mesmo com avanços na comunicação, nem todas as práticas culturais foram tratadas com tranquilidade. A **antropofagia** dos Tupinambá foi algo que chocou os portugueses nos contatos seguintes, e foi combatida. Muitas dessas sociedades viviam em constantes conflitos, motivados pelo sentimento de vingança com relação a seus ancestrais mortos em batalhas anteriores.

Como parte do resultado dessas lutas, era comum a captura de inimigos, que eram levados para a tribo de seus captores. Lá eram muito bem tratados e alimentados até o dia de seu sacrifício. Em um ritual de morte, o indivíduo capturado deveria mostrar sua coragem diante de sua execução iminente, provocando seus inimigos e sendo provocado por eles, que colocavam fim à vida do prisioneiro com um golpe mortal na cabeça. Em seguida, seu corpo era cortado e preparado no fogo, e toda a comunidade, incluindo mulheres e crianças, ingeria o inimigo executado.

Degredados:

pessoas que cometiam crimes em Portugal e recebiam como castigo o degredo, ou seja, o exílio.

Antropofagia:

prática ritual de sociedades nativas das Américas, especialmente associada aos Tupinambá, por meio da qual inimigos capturados em guerras eram devorados.



Ritual antropofágico em 1557, conforme relato de Hans Staden, gravura de Theodore de Bry, século XVI.

Embora essa prática, aos olhos dos europeus, parecesse um desrespeito aos princípios cristãos, tinha um significado de grande relevância para os povos que a vivenciavam. Primeiro porque, para o indígena executado, ser devorado era uma honra. Não havia maior humilhação do que ter sua morte negada pelos seus inimigos. Mesmo que fugisse ou fosse libertado, não seria aceito novamente em sua comunidade, que se envergonharia de seu retorno.

Isso acontecia porque eles acreditavam que, ao ingerir seus inimigos, as características deles seriam absorvidas por seus devoradores: força, valentia, inteligência, coragem e até mesmo covardia. Por isso, quando um prisioneiro chorava ou pedia clemência, era possível que a tribo se recusasse a devorá-lo, como aconteceu com Hans Staden, um mercenário germânico que, em 1555, conseguiu voltar para casa e contar sua história.

Gotas de saber

Não foram apenas os degredados os primeiros habitantes europeus das terras portuguesas. Muitos navios, frágeis quando comparados às embarcações atuais, naufragaram ao longo do litoral brasileiro. Isso fez com que vários novos habitantes involuntários contribuíssem para a ocupação do território.

Esse foi o caso da épica aventura de Hans Staden. Originário de Hessen, hoje parte da Alemanha, esse navegante do século XVI veio ao Brasil duas vezes, e foi em sua segunda jornada que acabou nas mãos dos Tupinambá.

Depois de naufragar em Santa Catarina, sobreviver e ainda conseguir trabalho em um forte português, quando tudo parecia tranquilo, Hans foi capturado e mantido prisioneiro por nove meses em uma tribo tupinambá adepta da antropofagia.

Depois de presenciar outros prisioneiros serem devorados pelos Tupinambá, Hans Staden se manteve vivo porque sua covardia diante da morte era vista como uma ameaça e poderia contaminar aqueles que deglutições sua carne. Por fim, depois de seu longo sequestro, Staden foi resgatado por um navio corsário francês que o levou de volta para a Europa.

Lá, pôde escrever seu relato sobre a incomum aventura, a qual recebeu o seguinte título: *História verdadeira e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria e agora a traz a público com esta impressão.*

O **exotismo** apresentado em seu livro se tornou um sucesso: tratava-se de um raro e detalhado relato não apenas da experiência de vida e sobrevivência, mas também do olhar estrangeiro sobre a cultura indígena, o que, em meados do século XVI, ainda parecia inacreditável para o europeu comum que escutava ou lia aquele relato.

Mas nem todos os ocidentais tiveram a mesma sorte de Hans Staden. Em 1556, por exemplo, a própria Igreja foi vítima. O bispo Sardinha, cuja embarcação naufragou no litoral de Alagoas, conseguiu sobreviver e chegar à praia. No entanto, capturado pelos Caeté, acabou tornando-se parte de um ritual antropofágico.

Ao longo da conquista, que ganharia contornos mais nítidos e uma dinâmica mais veloz, essa e outras práticas nativas (por exemplo, a **poligamia**) seriam combatidas, mesmo que fosse necessário o extermínio de seus praticantes. Assim, a fé católica e a cultura europeia tentavam impor-se a qualquer custo no Novo Mundo.



Hans Staden, desenho de H. J. Winkelman (1664).

Exotismo: que indica o gosto pelo raro, pelo incomum, por aquilo que provoca estranhamento.

Poligamia: relação de casamento entre três ou mais pessoas. Diferente da monogamia, tradicional nas sociedades ocidentais de origem europeia em que existem somente duas pessoas comprometidas.

Outro aspecto culturalmente estranho aos colonizadores é o fato de os indígenas não compartilharem do conceito de acúmulo de bens. A oferta de presentes e objetos ocidentais às populações indígenas em troca dos produtos exóticos não provocava ganância entre os nativos. Esse relativo desapego material seria responsável pela imagem negativa que se construiria a respeito dos indígenas, tidos pelos europeus como preguiçosos. Na verdade, tratava-se de diferenças profundas acerca do que era prioridade na vida dos indígenas e do que era prioritário entre os portugueses.

É importante perceber que a história dos primeiros anos da colonização também foi marcada pela resistência dos povos nativos. Devemos considerar que muitas das dificuldades de comunicação ou controle sobre os povos indígenas não devem ser interpretadas apenas como problemas naturais das diferenças culturais. Manter seu ritmo de vida e trabalho era uma forma de resistência às tentativas de imposição dos invasores.

A manutenção de práticas culturais, como a antropofagia ou a poligamia, após serem catequizados, eram sinais de que a cultura estrangeira não conseguia estabelecer-se de maneira completa. Tanto a luta armada contra os portugueses quanto as alianças com os comerciantes franceses de pau-brasil podem ser compreendidas como estratégias de resistência e sobrevivência frente à crescente presença estrangeira nos territórios indígenas. O encontro entre aquelas civilizações exige que o percebamos como um processo complexo e cheio de detalhes.

Conquista e colonização: protegendo, explorando e ocupando

Mesmo que Portugal estivesse insatisfeito com a presença estrangeira em seu território, pouco se fez a respeito disso no início. Os colonizadores utilizaram, para o litoral americano, a mesma estratégia que tinha sido utilizada no litoral africano durante a Expansão Marítima: a criação de **feitorias**. Eram edificações fortificadas que cumpriam dupla função: militar e comercial.



Combate naval entre franceses e portugueses, gravura de Theodore de Bry, 1592. Ao fundo, é possível observar uma feitoria portuguesa.

A **função militar** da feitoria consistia no acúmulo de armas, munição e pólvora suficientes para garantir a proteção do litoral na área em que atuava. Entretanto, era uma estratégia de defesa limitada, uma vez que a distância entre as feitorias podia ultrapassar centenas de quilômetros.

Já a **função comercial** decorria do fato de elas servirem como armazéns. Ao longo dos meses, entre a partida de uma embarcação e a chegada da próxima, era nas feitorias que os indígenas negociavam os produtos que traziam da floresta. Nelas, eram armazenados os troncos de árvores e demais produtos, o que as tornava verdadeiras caixas-fortes, justificando mais uma vez a necessidade de serem bem protegidas.

A presença estrangeira incomodava os portugueses a ponto de enviarem, algumas vezes, **expedições guarda-costas**, missões militares com o objetivo de fiscalizar o litoral para reprimir o comércio ilegal de pau-brasil. Entretanto, não foi o suficiente para inibir a atuação francesa, especialmente por conta da baixa frequência com que circulavam no litoral. O desafio da defesa do território português no Novo Mundo seria uma constante durante toda a história da colonização.

Lembremos que, em meio a todos esses aspectos que marcam a conquista do território, algumas questões merecem destaque: quem foram os primeiros europeus a se prontificar a fazer destas terras seu novo lar? E, ainda, sem estrutura, sem família e habitando construções sujeitas a ataques de contrabandistas estrangeiros e nativos, o que levaria uma pessoa a ficar nestas terras distantes de seu país de origem? A resposta é simples: nada.

Os degredados foram os primeiros portugueses a povoar o litoral, a partir das feitorias. Além deles, houve outro tipo de presença em terras brasileiras: os naufragos, navegantes que aqui ficaram porque seus navios afundaram, sem opção de retorno. Considerando o desconhecimento do litoral e a fragilidade das embarcações da época, os acidentes eram mais comuns do que podemos imaginar.

Aos nativos deste território, nunca foi dada a chance de recusar a chegada daqueles invasores. Em meio a todas as novidades que encontros dessa natureza podem provocar, os primeiros efeitos se fizeram sentir, mesmo nas primeiras décadas.

Guerras com as sociedades **autóctones** se tornaram recorrentes e devastadoras para os indígenas. E, aos poucos, as doenças trazidas pelos navios europeus se espalharam, fazendo vítimas em números crescentes. E tudo isso se tornou ainda mais intenso quando Portugal decidiu colonizar de fato, nas décadas seguintes, o que consideravam ser suas novas possessões no além-mar. Aquele era apenas o começo dessa história.

Autóctones:

primeiros ocupantes de determinado território; originários, indígena.

Fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá, antiga feitoria portuguesa no litoral de Pernambuco, fotografia de 2021. Até os dias atuais, é possível identificar os vestígios das feitorias criadas pelos portugueses no litoral brasileiro.





Para solucionar

Situação-problema

Em 2024, havia 736 terras indígenas registradas na Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Pode parecer bastante coisa, mas é importante lembrar que, antes da chegada dos europeus, todo o território pertencia aos povos indígenas. Esses povos, além de dizimados e escravizados, tiveram seus territórios tomados pelos colonizadores.

Estudo autodirigido

Considerando o que você estudou neste módulo, investigue e responda às questões a seguir.

- Qual é a área total do território brasileiro no século XXI?
- Qual era o número de indígenas que provavelmente viviam nessa área antes da chegada de Cabral?
- Qual é a população indígena aproximada no Brasil do século XXI?
- Qual é a área total de terras indígenas demarcadas nos dias atuais?
- Compare as áreas indígenas demarcadas com relação às áreas não indígenas quanto à preservação ambiental.

Resolução do problema

Debata sobre as informações reunidas com a turma e, com ajuda do professor, busque uma justificativa histórica e cultural para a defesa da demarcação de terras indígenas na atualidade.



Para explorar

Observe o mapa a seguir, que mostra as rotas realizadas pelas potências ibéricas – Portugal e Espanha – durante o início do processo de expansão marítima e comercial europeia.

Navegações portuguesas e espanholas (séculos XV-XVI)



Fonte: VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*. São Paulo: Scipione, 2011. p. 90.

Considerando que os portugueses se autoproclamaram senhores dos litorais por eles ocupados, discuta as seguintes questões com os colegas e desenhem um quadro com as respostas.

- Por que, apesar da distância menor, nas primeiras décadas após a carta de Pero Vaz de Caminha, Portugal não investiu de maneira efetiva em suas terras do Novo Mundo?
- Quais fatores levariam os portugueses a mudar suas prioridades e passar a destinar seus navios, homens e esforços à colonização de fato da Terra do Brasil?



Praticando o aprendizado

1. Qual é o significado do conceito de etnocentrismo?

2. Que interesses culturais e materiais ocidentais trouxeram Cabral às Américas?

3. Que experiência fez com que Portugal optasse inicialmente pela construção de feitorias no litoral americano?

4. Explique as razões econômicas para a presença constante de contrabandistas franceses em território português nas Américas.

5. Leia o trecho abaixo:

[...] sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p. 247.

A fala acima é de um velho indígena, em diálogo com o francês Jean de Léry, demonstrando espanto com uma característica inerente à cultura mercantilista europeia. Qual é essa característica?

6. Observe a gravura a seguir, retirada dos escritos do mercenário alemão Hans Staden acerca de sua atribulada experiência em terras brasileiras junto aos Tupinambá.



Ritual antropofágico entre os índios tupinambá do Brasil, gravura de Theodor de Bry, 1592.

Agora, explique que práticas culturais são retratadas na imagem e qual é seu significado para a cultura tupinambá.

7. Assinado em 1494, o Tratado de Tordesilhas dividiu o mundo entre as duas maiores potências da época, Portugal e Espanha. Explique de que forma esse tratado de características etnocêntricas foi questionado por outras nações americanas e europeias.

8. A partir do trecho destacado da carta de Pero Vaz de Caminha, explique a importância da Igreja católica no processo da Expansão Marítima portuguesa.

[...] o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar [...]

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El-Rei D. Manuel. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. p. 31-32.



Desenvolvendo habilidades

1. Leia o texto:

Apesar dos exageros e incorreções, a *Lettera* de Américo Vespúcio para Piero Soderini com certeza continha várias passagens verídicas. Uma delas é o trecho no qual, referindo-se à sua primeira viagem ao Brasil, realizada entre maio de 1501 e julho de 1502, Vespúcio afirma: "Nessa costa não vimos coisa de proveito, exceto uma infinidade de árvores de pau-brasil [...] e já tendo estado na viagem bem dez meses, e visto que nessa terra não encontrávamos coisa de metal algum, acordamos despedirmo-nos dela." Deve ter sido exatamente esse o teor do relatório que Vespúcio entregou para o rei D. Manoel, em julho de 1502, logo após desembarcar em Lisboa, ao final de sua primeira viagem sob bandeira portuguesa. O diagnóstico de Vespúcio selou o destino do Brasil pelas duas décadas seguintes. Afinal, no mesmo instante em que era informado pelo florentino da inexistência de metais e de especiarias no território descoberto por Cabral, D. Manoel concentrava todos os seus esforços na busca pelas extraordinárias riquezas do Oriente.

BUENO, Eduardo. *Naufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 65.

O texto trata da relação entre Portugal e o território americano encontrado em 1500 durante os primeiros anos após a viagem de Pedro Álvares Cabral. A falta de interesse imediato pelo novo território descoberto fez com que, nos primeiros anos dessa colônia:

- D. Manoel investisse em uma eficiente política de proteção de seu litoral.
- Portugal optasse por uma política de colonização sistemática do interior.
- a Espanha reivindicasse a posse daquele território rico em ouro e prata.
- a metrópole portuguesa limitasse a exploração a atividades extrativistas.

2. Leia o trecho:

De começo, e fosse qual fosse, após a exploração cabralina, a importância dos conhecimentos geográficos sobre o Brasil, o interesse de D. Manuel pelos seus novos territórios da América foi, ao que parece, mais de ordem estratégica que econômica.

CORTESÃO, Jaime. *Os descobrimentos portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975. v. I. p. 1086.

Também conhecidas como período pré-colonial, as primeiras décadas da colonização, segundo Jaime Cortesão, seriam caracterizadas pela preocupação portuguesa:

- a) com a preservação do domínio sobre a extração do ouro.
- b) com o controle estratégico da rota atlântica para o Oriente.
- c) com a repressão às sociedades indígenas hostis do litoral.
- d) com o aumento da eficiência da produção do café arábico.

3. As sociedades indígenas com que os portugueses se depararam em seus primeiros anos de colonização tinham como característica:

- a) o domínio da agricultura, mas também coletavam alimentos e caçavam para sobreviver.
- b) o domínio da agricultura, mas também praticavam a antropofagia para sobreviver.
- c) o domínio da caça e da coleta, mas também praticavam a antropofagia por razões de sobrevivência.
- d) o domínio da coleta, mas praticavam também uma agricultura rudimentar e ineficiente.

4. Leia o trecho:

A língua de que [os indígenas] usam, toda pela costa, é uma: ainda que em certos vocábulos difere em algumas partes; mas não de maneira que se deixem de entender. [...] Carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente [...].

GÂDAVO, Pero de Magalhães. [1578]. *História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

A partir do texto podemos afirmar:

- a) que o colonizador, em sua fala, demonstra preocupação com a preservação da identidade cultural indígena.
- b) que os indígenas rapidamente se rendem ao catolicismo europeu ao se identificarem com a cultura lusitana.
- c) que os europeus em seus contatos com as sociedades indígenas assumem uma postura etnocêntrica.
- d) que os povos europeus e ocidentais encontraram um caminho de convívio e respeito mútuo apesar das diferenças.



Para concluir

A conquista portuguesa, no início tímida, não demoraria para avançar. O comércio com o Oriente se tornaria cada vez menos lucrativo em virtude da concorrência de comerciantes de outras nações, que arriscavam seus primeiros navios em processos de expansão. Quando não havia a concorrência direta em portos do Oriente, esses comerciantes de nações não ibéricas apelavam para a pirataria ou o corso.

Desse modo, o tráfico de especiarias das Índias se tornava cada vez menos lucrativo, dados o risco crescente e a consequente necessidade de investimento em segurança, o que significava uma diminuição do lucro final.

Também havia a notícia das ricas jazidas de metais preciosos que haviam sido descobertas na América espanhola, o que gerava nos portugueses a esperança de encontrar em seu território algo parecido ou mesmo alcançar, pela bacia Amazônica, as minas de prata de seu vizinho ibérico.

Somada a isso, a crescente presença estrangeira, especialmente francesa, em terras portuguesas levou a Coroa à conclusão de que, caso a colonização efetiva não fosse realizada, a posse daquele trecho das Américas estaria em risco, apesar do Tratado de Tordesilhas.

Assim, Portugal mudou de ideia, e o período chamado por muitos de pré-colonial findou com o avanço da exploração colonial.

Mapa conceitual

Para sistematizar os conceitos desenvolvidos nos módulos 13 e 14, preencha o mapa conceitual da **página 509**.



Flashcards

Para consolidar os principais conteúdos abordados neste módulo, acesse os **flashcards** disponíveis no **Plurall**.